

RODAS REPRIME PARA MUDAR A USP

Seu Projeto:

- Tornar a Universidade um instrumento da empresa capitalista;
- Implantar de forma cada vez mais crescente cursos pagos rumo à privatização;
- Demitir os funcionários em massa (através do PROADE) e terceirização.

Este projeto que Rodas pretende implantar e já está dando passos largos nesse sentido, não é um projeto isolado é um projeto do governo e tem como objetivo ser modelo para as universidades públicas em todo o país.



Truculência da tropa de choque na desocupação da Reitoria, com 500 policiais e 73 prisões

Rodas precisa destruir a organização sindical e estudantil para impor seu projeto

Os ataques que o reitor Rodas apoiado pelo setor mais retrógrado e fascista da burocracia acadêmica da Universidade ultrapassa todos os limites do autoritarismo e repressão que só tem paralelo com os piores momentos da ditadura militar no Brasil.

As abordagens truculentas por parte da PM junto com a Guarda Universitária, a partir do convênio USP/PM, assinado pelo reitor Rodas: desocupações violentas com emprego de centenas de militares da tropa de choque, GOE (Grupo de Operações Especiais), cavalaria, cães, tiros e bombas apontadas para estudantes negros, prisões arbitrárias de dezenas de estudantes e trabalhadores

da Universidade, implantação de espionagem com relatórios sobre reuniões sindicais, do movimento estudantil, de professores e até diretores de unidade (desafetos do reitor) e mesmo de médicos e funcionários do HU, inclusive fora da Universidade com acusação de uso e compra de drogas.

Demissão de diretor do Sindicato e processos em andamento contra diretores e militantes do Sintusp para demissão por justa causa.

A eliminação de 8 estudantes através de processos administrativos, além de processos em curso contra dezenas de outros estudantes militantes.

A desocupação violenta de espaços como o DCE e a ameaça

de fazer o mesmo com o Núcleo de Consciência Negra na USP e outros.

A desestruturação física da USP com remanejamento de setores com milhares de funcionários para fora do campus, em prédios comprados e alugados, garagens, etc, a preços absurdos.

O que está rendendo ao reitor vários processos por improbidade administrativa no Ministério Público, convocação do reitor pela Assembleia Legislativa para prestar explicações.

Essas são algumas das ações de caráter fascista por parte desse reitor, com o claro objetivo de destruir toda e qualquer resistência ao projeto que Rodas tem como tarefa implantar na Universidade



Página 2

Agressão e racismo na desocupação da sede do DCE

Página 3

Eliminação de Estudantes Militantes

Página 2

Demissão e processos contra dirigentes sindicais

Página 2

COMBATER O PROADE!

No melhor estilo empresarial, a Reitoria da USP mudou sua tática para impor o projeto privatista do governo e da burocracia acadêmica

Através de um Plano de Carreira que instituiu reajustes salariais diferenciados, permitindo dividir e enfraquecer a luta conjunta dos trabalhadores, a reitoria avançou para impor medidas como o PROADE (Programa de Acompanhamento de Desenvolvimento Funcional). Idealizado pelo mesmo autor "intelectual" das 270 demissões e do Plano de Carreira, o Sr. Joel Souza Dutra, diretor de recursos humanos da USP, a mando a Reitoria, visa reduzir drasticamente o quadro funcional adequando o número de funcionários à redução do comprometimento orçamentário de 85% para 77% com folha de pagamento.

Lembremos que, ao eleger-se como Reitor indicado pelo ex-governador José Serra com apenas 1/6 dos votos, João Grandino Rodas já anunciava seu obje-

tivo de diminuir a relação funcionário/estudante de forma drástica. As medidas necessárias para esta adaptação serão centenas de demissões "legalizadas" de funcionários efetivos (que passaram por processos seletivos) sob o rótulo de "avaliação do desempenho", para avançar ainda mais no processo já acelerado de terceirização.

Ao mesmo tempo, a Reitoria dá plenos poderes às chefias imediatas para explorar à exaustão os trabalhadores através da "avaliação de sua competência técnica e comportamental".

A PARTIR DE REUNIÕES DE UNIDADES E ASSEMBLEIAS, É POSSÍVEL ORGANIZAR OS TRABALHADORES CONTRA ESSA FARSA E DERRUBAR O PROADE!

Também é fundamental que todos os setores democráticos, que historicamente vêm se manifestando contra a privatização na universidade, contra a repressão aos lutadores, contra a perseguição ao movimento estudantil e contra a precarização do trabalho e do ensino, façam parte de uma enorme campanha para acabar com o PROADE, entendendo-o como mais uma eficaz arma da Reitoria contra os trabalhadores, estudantes, professores, terceirizados e toda a comunidade universitária!



TRUCULÊNCIA!

PM no campus; Quem precisa?

Desde o trágico assassinato do estudante Felipe Paiva, ocorrido em maio do ano passado no estacionamento da FEA, que serviu de justificativa por parte da reitoria da USP para a assinatura de um convênio entre a universidade e a PM, são diversos os fatos que tem levado a uma crescente tensão das relações entre a comunidade universitária e a corporação policial.

O tal convênio, vendido pela reitoria da USP como a maneira imediata de solucionar os problemas de segurança na universidade, trouxe no último ano conflitos que começaram logo depois de firmada a parceria e iniciadas as rondas e abordagens ostensivas da polícia militar.

Muitos estudantes e funcionários passaram a se queixar das chamadas "blitz", ou até mesmo de abordagens a pedestres, muitas delas baseadas em estereótipos físicos, barbas e cabelos longos, roupas fora de um certo padrão estético pré-estabelecido ou outras características pessoais ditas "não usuais". Não foram raros os casos de extorsão denunciados por estu-

dantes e funcionários, obrigados a pagar "pedágio" para evitar "infrações ou multas" ou até a condução à delegacia sem um motivo real.

Entretanto, o mais alarmante dos casos ocorreu na manhã de 8 de novembro do ano passado, quando se dava uma ocupação da reitoria que exigia exatamente o fim desse convênio assinado sem nenhuma consulta à comunidade uspiana, e que foi reprimido por um contingente de mais de 400 policiais fortemente armados, cavalaria e helicópteros, em uma cena que a própria PM chamou de "praça de guerra".

Esse ano, em menos de dois meses já presenciamos o espancamento de um estudante por um PM com arma de fogo em punho na sede do DCE-Livre e, em pleno carnaval, novamente o Choque invade a USP e prende 12 estudantes que estavam na moradia legitimamente retomada desde maio de 2010.

Nós, trabalhadores da USP e membros do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP) há



500 policiais da tropa de choque na desocupação da Reitoria

anos defendemos que não podemos aceitar a presença da PM dentro da universidade, exatamente por que concluímos, por esses e outros inúmeros fatos ocorridos nos últimos anos de

luta unificada dos estudantes e trabalhadores, que o papel da PM não é de trazer segurança para nós, assim como também não o faz nos morros, periferias e favelas de todo o país!

**Abaixo o convênio PM-USP!
Fora PM da USP
Fora PM dos morros, periferias e favelas!
Nenhum apoio à greve da PM na Bahia e no RJ!**



Imediata Reintegração do Dirigente Sindical Claudionor Brandão!

No mês de dezembro do ano passado completou-se três anos da demissão do dirigente sindical Claudionor Brandão, funcionário da USP por mais de 22 anos e diretor eleito do Sintusp em diversas gestões.

A demissão do companheiro Brandão não se trata de uma retaliação a um indivíduo isoladamente. Faz parte da escalada repressiva que o Sintusp, seus dirigentes e ativistas, tem sido alvo, em especial nos últimos anos. Acumulam-se a cada ano cada vez mais processos contra os diretores e a receita da entidade, visando coibi-la da luta que por

décadas mantemos em aliança com estudantes e professores a fim de fazer da USP uma universidade que de fato esteja a serviço dos trabalhadores e da população pobre, e que se mantenha gratuita, pública, e que avance no seu nível de qualidade a partir das necessidades da maioria da população.

Brandão foi vítima de um processo farsesco, manipulado pela reitoria e pela burocracia acadêmica que a sustenta, que se utilizou covardemente de uma série de falsos testemunhos que o acusam de participar de ações incomprovadas, ou

ainda, o que é pior, acusam-no de defender "interesses alheios ao da universidade".

Brandão esteve na linha de frente de uma das mobilizações de trabalhadores terceirizados que, na "USP de excelência" ganham um salário de fome, são cotidianamente humilhados e desrespeitados pelas chefias efetivas e pelos encarregados, trabalham sem os mínimos equipamentos de segurança (e inclusive morrem, como foi o caso do jovem trabalhador José Ferreira da Silva, 23 anos, terceirizado da Faculdade de Medicina) e que só tem espaço

na universidade para os trabalhos mais pesados e insalubres como a limpeza, jardinagem e vigilância.

Nesse sentido, a demissão do companheiro Brandão é ainda mais uma prova do caráter elitista e racista da USP, que trata seus funcionários como "agentes estranhos a universidade", mesmo quando esta é tão responsável pelos trabalhadores quanto as empresas picaretas e caloteiras que a própria administração central permite que adentre nas dependências da USP.

Se aceitamos calados a manutenção da demissão do companheiro

Brandão estaremos permitindo que a reitoria e o Governo do Estado avancem ainda mais contra os ativistas que estão na linha de frente, para seguir implementando seu projeto de universidade.

Nesse sentido, defendemos:

IMEDIATA REINTEGRAÇÃO DE CLAUDIONOR BRANDÃO!

RETIRADA DOS PROCESSOS ADMINISTRATIVOS E CRIMINAIS CONTRA FUNCIONÁRIOS E ESTUDANTES! ABAIXO À REPRESSÃO!

Rodas agora quer demitir mais diretores e militantes do Sindicato

Além de vários processos e inquéritos contra diretores e militantes do Sindicato, Rodas instaura **UM PROCESSO ADMINISTRATIVO CONTRA 4 DIRETORES E DUAS MILITANTES DO SINTUSP, PARA DEMISSÃO POR JUSTA CAUSA.**

O processo administrativo é contra Magno, Neli, Solange e Marcello (Pablito) exatamente os 4 diretores liberados (afastados para exercício de mandato sindical), além de Nair do Conselho Diretor de Base do Sintusp e Ana Melo, educadora da Coseas, também consta do processo o estudante Rafael, morador do CRUSP.

Todos os acusados em boletins de ocorrência, feitos por um capanga do Ronaldo Penna, diretor da guarda universitária, e chefetes da Coseas, com calúnias a respeito de fatos ocorridos no dia da paralisação, aprovada em Assembleia para permitir a ida de trabalhadores e estudantes à Alesp acompanhar a Audiência Pública sobre os desmandos administrativos de Rodas e a repressão na USP. Audiência em que o Reitor sequer compareceu, enviando apenas um representante.

Esse processo segundo informação dos advogados se inicia agora em março.

Eliminação de estudantes militantes

Na 2ª quinzena de dezembro/11, já com a universidade esvaziada, Rodas assinou a eliminação de 8 militantes estudantis da universidade por haverem participado de uma ocupação da reitoria, da qual participaram milhares de estudantes.

Rodas com isso elimina dos quadros da Universidade 8 lutadores que sempre estiveram na luta em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade e, ao mesmo tempo, pretende com essa medida intimidar o movimento estudantil e o conjunto dos estudantes da USP.

As eliminações se deram com base no decreto 52.906/72, de 1972. A pena aplicada foi do ar-

tigo 249, inciso IV - eliminação definitiva, (aplicada para casos de infração grave demonstrada por meio de inquérito) a acusação é perturbar os trabalhos escolares bem como o funcionamento da administração da universidade (art.250, inciso VII); Tal decreto vigora na USP desde a época da Ditadura Militar e proíbe fazer manifestações e até colar cartazes.

Um dos estudantes eliminados já havia completado o curso, passou em um concurso público e seus professores foram impedidos de fornecer certificado que comprovasse a conclusão do curso. ou seja, ele perdeu o emprego público.

COMO NA DITADURA MILITAR

Reprodução da Revista do Fórum n.108 ano 11 Janeiro de 2012



Documento obtido com exclusividade por Fórum mostra como atividades de trabalhadores e estudantes são monitoradas dentro da maior universidade do Brasil

Em audiência pública na Assembleia Legislativa, convocada para discutir os desmandos do Rodas com o dinheiro público, repressão, processos, militarização, etc..., o deputado estadual, Carlos Giannazi, apresentou aos professores, funcionários, estudantes e imprensa presentes, um conjunto de relatórios elaborados por agentes infiltrados em assembleias de estudantes, funcionários, reuniões fechadas de diretoria do Sindicato reuniões na associação dos docentes e do movimento estudantil.

Nesses relatórios constam falas, na íntegra, de diretores do sindicato em reuniões da diretoria; da Adusp e, militantes estudantis, inclusive deliberações tomadas, tais como, de fechar o prédio da reitoria ou o que será proposto por representantes dos estudantes e dos trabalhadores, no C.o. (Conselho Universitário) etc, relatórios de investigação de dire-

tor de unidade (desafeto do reitor), como o Prof. Magalhães da Faculdade de Direito e mesmo de pessoas individualmente dos 3 segmentos da universidade até de médicos e funcionários do HU, acusados na relatoria de comprar drogas na comunidade São Remo, próximo à Universidade.

Após verificação do conjunto de relatórios dos agentes infiltrados podemos constatar que existem agentes externos que atuam na USP, e o que é mais grave, espionagem interna conforme o documento examinado e reproduzido (ao lado) de **Ronaldo Penna, diretor de operações da Guarda Universitária para o chefe de gabinete do reitor, Prof. A. C. Amadio, relatando gravação de reunião de diretoria do Sintusp.**

A revista Fórum, de janeiro/2012, trouxe matéria de capa intitulada "Arapongagem na USP", 6 páginas

sobre a USP, principalmente sobre os relatórios dos agentes em que o reitor se recusa a falar da espionagem, mas seu diretor de operações, Ronaldo Penna, assume a espionagem em entrevista à revista Fórum.

Na época da ditadura, os agentes externos da polícia política atuavam na USP fazendo o mesmo tipo de relatórios, mas nem naquele momento a universidade assumiu trabalhar internamente com espionagem.

Ao lado colocamos um quadro retratado na página 14, do mês de janeiro, da revista Fórum, que contém textos selecionados dos relatórios dos arapongas.

Revista Fórum desapareceu da maiorias das bancas no dia da distribuição. Os jornalistas informaram que uma única pessoa comprou todos os números à venda

CONFIDENCIAL

RELATÓRIO CONFIDENCIAL

Relatório USP
De: SALA DE CRISE
Para: RONALDO PENNA

4º Dia - 01/05 - Adentamos na unidade da USP Butantã com certa dificuldade, já que era fechado e estava fechada, podendo acessar apenas alunos e funcionários com credencial. Buçada a segurança pelo HU por onde se entra livremente com qualquer argumento; (depois saímos e entramos pela favela onde o acesso está abandonado com muitos usuários de crack). Percorremos todos os prédios da USP e não havia nenhum tipo de encontro ou manifestação de alunos na unidade, apenas alguns pequenos grupos de alunos que estavam estudando.

MORADORES DO CRUSP - Informaram que se durante a GREVE corriam o comido como é de costume em greve, não invadir (ocupar) o bandeirão.

17º Dia - 14/05 - Conseguimos as informações da assembleia da ADUSP com a secretária do Professor João Zanetic. O dia estava tranquilo sem manifestações.

19º Dia - 16/05 - Hoje o dia também foi tranquilo. Para entrar na USP tivemos que buçar a segurança pelo portão da favela. (local complicado) os vigilantes tem medo de ficar no local sem proteção, muitos estudantes compram drogas no local, incluindo médicos e funcionários do HU. Na semana passada com as nossas informações a guarda acho que fez uma operação com a PM e ajudou as caras sumirem, mas voltaram de novo e agora parece que está pior.

INFORME DE DIREITO - Ontem estava marcado no Direito a passe de um professor e estava presente o Juiz Souto Maior que se cocoua em defesa dos trabalhadores. Antes da posse, o Diretor do Direito estava disposto a renunciar o cargo porque não está conseguindo resolver os problemas devida o Reitor Rodas interfere nos assuntos e decisões, confidenciou a pessoas próximas e aos 11 de agosto; Na posse, vários acadicos apolaram o Diretor e foram contra o Reitor. Estava presente o Sr. Alberto Goldman, atual Governador do Estado.

23º Dia - 20/05 - Às 09:00 hrs, ocorreu uma reunião com os funcionários da reitoria com a participação do Sr. Magno. Ficou decidido que na próxima terça-feira dia 25/05 haverá outra reunião com os funcionários da reitoria e o fechamento do prédio.

PREFEITURA - Não fizeram reunião hoje, já entregaram para o Sindicato o valor arrecadado com o fundo de GREVE no valor de R\$ 840,00.

18º DIA - 15/05 - O dia transcorreu tranquilamente com apenas uma novidade. As favelas de GREVE em frente aos COSEAS foram retiradas provavelmente pelo pessoal da Guarda - o Sindicato está furioso, furaram os pneus da Kombi do sindicato e furaram todos os painéis que falavam mal do reitor. 10 mil folhetos. O grande disse que foi a terceira vez que ocorreu. Num sábado o veículo que trazia outros painéis foram aborados por gente do Ronaldo Penna e os funcionários contra o Rodas foram levados o pessoal da gráfica não soube dizer quem era. No início da greve o nosso motoboy foi parado por pessoal da segurança da reitor e os painéis também foram levados. Esses putos precisam morrer. (ofirma Naili)

Email recebido pelo chefe de gabinete do Reitor Prof. Amadio, do Sr Ronaldo Penna (arapongagem interna) e apresentado na Assembleia Legislativa pelo Deputado Carlos Gianazi relatando reunião da diretoria do Sintusp

Situação da Quota: 381,18 MB / 1000,00 MB (38,12%)

Mensagens: Reunião CO (3 de 378)

Marcar como: [Mover] [Copiar] Esta mensagem para [Retornar para Mensagens]

Exibir [Responder] [Encaminhar] [Redirecionar] [Ver Discussão] [Recusar Remetente] [Admitir Remetente]

Código [Fonte] [Salvar como] [Imprimir] [Cabeçalhos]

Data: Mon, 17 Oct 2011 11:42:09 -0200 [11:42:09 BRST]

De: Ronaldo <rpenna@usp.br>

Para: acamadio@usp.br <acamadio@usp.br>

Assunto: Reunião CO

Professor Amadio

Reunião do Sintusp

Informações que interessam:

- 1) discutiram a baixa adesão ao movimento inclusive sobre a reunião das creches na última sexta-feira;
- 2) os alunos dos grupos radicais apoiaram o magnífico no C.O. amanhã;
- 3) do lado de fora a partir das 12 horas irão fazer um manifesto com carro de som portaria A;
- 4) A Naili propôs parar a Coesp, usando do argumento da privatização dos ônibus. (não teve apoio)

NO C.O.

- 5) um membro do Sintusp no C.O. terá um termo de protesto da Faculdade de Direito sobre a questão votada contra o reitor. E sua 71ªraa? de apoio dos diretores a ele e parte do governo Alckmin.
- 6) um membro dos estudantes terá um texto de protesto de professores FFLCI e Faculdade de Educação contra o reitor falando sobre sua ligação com a direita e a burguesia, segundo eles a placa indicando a revolução de 64 é um pensamento retrógrado dele, além disso apresentarão um manifesto de quando o reitor participou da comissão de mortos do governo FHC durante a ditadura que segundo eles ele votava contra o pagamento de indenizações aos mortos.
- 7) outro membro terá um termo contra a presença da PM no Campus, informando que policiais estão prendendo alunos os algemando e levando ao D.P. (a única situação que ocorre foi na semana retrasada quando alunos da poli foram surpreendidos com uma porção de micoanha fazendo uso e foram conduzidos ao D.P.)

Ficaremos atentos aos movimentos. Alunos e sindicalistas com tons agressivos.

Soment esses assuntos.

Os demais tocarão em assuntos referente a greves dos bancários e outros.

Ronaldo Penna
Diretoria da Divisão de Operações
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - BRASIL

ATENTADO AO SINTUSP

Tentativa de mandar o Sindicato pelos ares

Dia 9 de janeiro, dia do violento espancamento, com arma apontada para o estudante negro Nicolas no espaço da sede do DCE, a diretoria do Sintusp avisada, chegou a tempo de impedir que a barbárie fosse ainda maior. Houve um entreviro com o sargento e soldados da PM e elementos da guarda que participavam da agressão.

A divulgação do vídeo mostrando a violência levou o governador a ter que se pronunciar no jornal Nacional, anunciando inclusive o afastamento do sargento e um dos soldados da PM por 60 dias, e instauração de sindicância para apurar o ocorrido.

Dia 10/01, homens a paisana rondaram o Sindicato, dizendo dentre outras coisas: "Abriram guerra contra a polícia, agora eles vão ver!"

Dia 11/01, pela manhã, uma funcionária e um funcionário, ao chegarem e abrirem o Sindicato às 7 horas, sentiram um forte cheiro de gás. Ao chegarem à cozinha encontraram todos os 6 botões do fogão industrial abertos, sentiram-se mal e saíram do prédio. Após alguns minutos o funcionário prendeu a respiração, adentrou o prédio dirigindo-se à cozinha com o intuito de desligar os botões.

Mais tarde, por volta das 8h30, o funcionário do setor financeiro entrou em sua sala encontrando documentos revirados e jogados no chão. Não foi verificada ausência de qualquer equipamento ou objeto.

É bom lembrar que bastaria um interruptor de luz ser acionado para que tudo fosse pelos ares.

Desmonte da Universidade e tentativa de tomar os espaços dos estudantes e trabalhadores

RODAS DESDE O INÍCIO DA SUA GESTÃO

A sede do Diretório Central dos Estudantes foi tomada pela gestão da reitora Suely Vilela para ser reformada e devolvida ao DCE.

Ficou pronta na gestão Rodas, que propôs que os estudantes ocupassem apenas uma pequena parte do prédio, delimitando o espaço antes ocupado e gerenciado pelo DCE.

Não houve acordo, o DCE ocupou todo o prédio que de direito já era seu. e Após mais de um ano Rodas resolveu anunciar nova reforma e pôs a PM junto com a Guarda para retomar a sede na base da violência (ver episódio do espancamento do estudante Nicolas com arma na cabeça).

Agora, é a A sede Núcleo de Consciência Negra na USP que está sendo ameaçada de demolição

e expulsão do local onde se encontra há 24 anos.

O projeto de Rodas é de derrubada dos prédios, inclusive da sede do Sintusp e centro acadêmico da ECA, para construção de um prédio para administração central da USP.

Há um projeto em de derrubada dos prédios a serem construídos assim como a derubada do prédio do Sintusp para construção de um prédio para administração central da USP.

Além disso, muitas centenas de funcionários estão sendo remanejados do campus do Butantã para prédios comprados e alugados longe da Cidade Universitária, o que está rendendo ao Rodas 5 processos de improbidade além de convocações na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, para explicar gastos absurdos como aquisições de prédios, garagens, etc.

AGRESSÃO E RACISMO NA DESOCUPAÇÃO DA SEDE DO DCE

A absurda desocupação da sede do DCE (Espaço destinado aos estudantes desde os anos 80) se deu de forma agressiva, assim como todas as últimas atitudes do reitor Rodas. Dia 9 de janeiro, a Guarda Universitária acompanhada da PM, atendendo ordens do reitor, adentrou o espaço do DCE, agredindo brutalmente os estudantes a golpes de cassetetes.

Nicolas, estudante da EACH, que se encontrava na sede do DCE, foi o alvo principal por ser negro e não atender aos padrões definidos para estudantes da USP. O Sargento que acompanhava a desocupação além de duvidar que Nicolas fosse estudante da USP, exigindo documentos que comprovassem o vínculo com a Universidade, o arrastou para fora da sede, o agrediu e, ainda, o ameaçou



PM aponta arma para estudante negro na desocupação do DCE

com uma pistola automática apontada para sua cabeça.

Toda ação foi documentada através do celular de um estudante presente e amplamente divulgada nos meios de comunicação, inclusive tendo sido acessada por mais de um milhão de pessoas no youtube.

Após a publicidade dada ao caso, o governador Geraldo Alckmin, se pronunciou no Jornal Nacional (TV Globo), declarando serem inadmissíveis os atos do sargento e de um soldado e informando que os dois estavam suspensos por 60 dias para responder uma sindicância.

RESGATE

Quem são os defensores da universidade?

Faremos aqui um resgate cronológico dos principais fatos que marcaram os 23 anos de guerra entre dois projetos para a universidade, para que, ao final, o próprio leitor responda a pergunta acima.

Até 1988, o estado de São Paulo repassava um montante de verbas equivalente a 11,6% do ICMS para suas três universidades públicas.

Em Fevereiro de 1989, o então governador Quéricia baixou o decreto da autonomia universitária e no mesmo ato reduziu as verbas das universidades para o equivalente a 8,4% do ICMS, ou seja, impôs um corte nas verbas destinadas anualmente às universidades.

Os reitores Goldemberg da USP, Landin da UNESP e Paulo Renato da UNICAMP receberam de braços abertos o decreto do governador com corte de verbas e todas as suas consequências. Por sua vez, os funcionários, os estudantes e os professores, através de suas entidades (SINTUSP, DCE e ADUSP) iniciaram naquele mesmo ano uma luta pelo aumento de verbas para as universidades buscando resgatar o investimento anual de 11,6% do ICMS.

Em 1991, durante a votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias do estado (LDO), a maioria dos deputados da ALESP, pressionados pela mobilização unificada das categorias, já havia declarado sua intenção de aprovar o aumento de verbas para as universidades, mas o Reitor da USP, Roberto Leal Lobo e os Diretores de unidades daquela época aprovaram no Conselho Universitário e enviaram para a ALESP, uma declaração de que a universidade não precisava de mais verbas, e não havia, portanto motivo para aquela casa aprovar uma lei aumentando suas verbas.

A guerra continuou e na primeira metade da década de 90 e depois de muitas denúncias, greves e manifestações obrigamos o governo a aumentar o repasse de verbas para os atuais 9,5% do ICMS.

Os sintomas do sucateamento que a USP, UNESP e UNICAMP sofreriam devido à falta de verbas

logo se fizeram sentir: primeiro foi o arrocho dos salários e a consequente evasão de professores e técnicos que durante a década de 90 deixaram a universidade em busca de melhores salários, outros tantos professores e técnicos se aposentaram e devido o limite orçamentário não houve contratações para substituí-los, o que acarretou um enorme déficit de professores e funcionários e a inevitável queda na qualidade do ensino e demais serviços prestados pela universidade.

Dessa forma, as universidades estaduais paulistas chegaram ao ano 2000 com um grande déficit de funcionários e professores, em consequência dos salários absurdamente desvalorizados e da política de terceirização, com laboratórios, prédios e equipamentos deteriorados devido a falta de investimentos, com dezenas de fundações de direito privado sugando seus escassos recursos e milhares de trabalhadores (as) terceirizados (as).

Naquele ano (2000), o Deputado Vaz de Lima (PSDB), apresentou na ALESP um Projeto de Lei que instituiu a cobrança de mensalidades nas universidades estaduais.

Frente à gravíssima situação em que as universidades se encontravam, aquele projeto foi a "gota que transbordou o copo": funcionários e professores da três estaduais entraram em greve exigindo a retirada do projeto de cobrança de mensalidades, o aumento de verbas para as universidades e a recuperação das suas enormes perdas salariais. Mas, o elemento decisivo, foi o fato dos estudantes superarem a velha discussão sobre apoiar, ou não, à greve dos professores e funcionários e decidiram entrar também em greve em defesa de uma pauta de reivindicações do próprio movimento estudantil com ênfase na derrubada do projeto Vaz de Lima, na contratação de professores, mais verbas para as universidades, política de permanência estudantil, aumento dos salários e fim das fundações. Após dois meses de greve unificada o projeto de cobrança de mensalidades



foi retirado e os salários tiveram o maior reajuste desde 1989.

No ano seguinte, o reitor Jaques Marcovich apresentou um projeto que regulamentava a presença das fundações de direito privado na USP, nas duas tentativas feitas pelo reitor, os estudantes organizados e mobilizados, ocuparam o CO e impediram que a votação fosse realizada.

Em 2002, os estudantes da FFLCH, viam-se ante a possibilidade de alguns cursos fecharem por falta de professores e protagonizaram uma greve de mais de 120 dias, obrigando a reitoria a contratar mais de 180 professores para a faculdade.

Em 2004, o Conselho de reitores (CRUESP) tentou retomar a política de arrocho salarial praticada nos anos 90 apresentando uma proposta de reajuste salarial de 0% por 5 vezes. Com mais 66 dias de greve unificada, obrigamos os reitores a reajustarem os salários pelo índice de inflação daquele ano.

Em 2005 e 2006, por duas vezes, os funcionários da USP entraram em greve exigindo a retirada do veto do governador tentando assim garantir os 10,5% do ICMS para as univer-

sidades. Porem os vetos e os 9,57% se mantiveram.

Em 2007, no seu primeiro dia de governo, o tucano José Serra baixou um conjunto de decretos que colocavam as universidades sob intervenção liquidando a autonomia universitária. Uma nova greve unificada e a ocupação das reitorias, primeiro da Unicamp e depois da USP obrigaram o Serra a recuar nos decretos e garantiram a manutenção da autonomia das universidades.

Em 2009 os funcionários da USP se viram obrigados a protagonizar mais uma dura greve pela reintegração do diretor do seu sindicato Claudionor Brandão, demitido pela reitoria em dezembro de 2008, e em defesa de 5214 postos de trabalho que encontravam se ameaçados por uma exigência do Tribunal de Contas do estado. O movimento não conseguiu reintegrar o companheiro Brandão, porem garantiu a manutenção de 5214 empregos.

Em 2010, o CRUESP rompeu um acordo de isonomia de reajustes salariais conquistado em 1991 e os funcionários da USP voltaram à greve exigindo a restauração da

isonomia salarial. No mesmo ano estudantes excluídos do sistema de bolsa moradia da COSEAS retomaram parte da moradia que era indevidamente ocupado pela administração da própria COSEAS.

Em 2011 a reitoria da USP tentou fechar o Curso de Obstetrícia da EACH e militarizou o campus após o assassinato de um estudante, trazendo à tona as lamentáveis cenas da repressão policial pra dentro da USP.

São os companheiros e companheiras dos movimentos sindical e estudantil, que estiveram à frente dessas importantes lutas contra o sucateamento e a privatização das Universidades públicas, que a reitoria da USP e a corrompida burocracia acadêmica ligada às fundações de direito privado estão perseguindo, caluniando, criminalizando, processando, demitindo e eliminando, com o objetivo de impor um clima de terror e assim impedir que novas lutas possam oferecer resistência aos seus interesses políticos e materiais que envolvem seu projeto de privatização do ensino superior.

E agora? Quem afinal são os criminosos?

Mais que nunca ESTAREMOS JUNTOS NA LUTA Trabalhadores e Estudantes

Este ano será decisivo para história da Universidade de São Paulo. Ou Rodas consegue destruir a organização dos trabalhadores e estudantes e implanta de vez seu projeto de universidade a serviço da empresa, rumo à privatização com demissão em massa e substituição dos funcionários por terceirizados ou, UNIMOS as nossas forças (estudantes, funcionários e professores), derrotamos esse reitor e seu projeto e damos passos importantes para uma universidade verdadeiramente PÚBLICA, GRATUITA, DE QUALIDADE, AUTÔNOMA E DEMOCRÁTICA.



Nossa luta tem que ter como eixos: a retirada da PM do campus; reintegração do compa-

nheiro Brandão e dos 8 estudantes eliminados; retirada de todos os processos contra diretores e

militantes do Sindicato e militantes estudantis; pela democratização da Universidade; fim dos

curso pagas na USP; fim do PROADE; punição dos PMS e Guardas Universitários que espancaram estudante; retirada do policial Ronaldo Penna da direção de operação da segurança da USP; fim da espionagem na USP e identificação dos que contrataram os agentes espíões (com que dinheiro foram pagos?!).

TODO APOIO À GREVE DOS ESTUDANTES E PELA CONSTRUÇÃO DA LUTA CONJUNTA ENTRE ESTUDANTES E TRABALHADORES